

O CLARIM

ORGAN POPULAR E INDEPENDENTE

DIRECTOR—Bibiano R Lima

COLLABORADORES—Diversos

W. B. ...

ANNO 1

Lagos, 29 de Outubro de 1907

NUM 6

EXPEDIENTE

ASSIGNATURA

Anno 6\$000

Semestre 3\$000

Annuncios conforme combinar-se

Não se restituem autographos

O Clarim publica-se aos sabbados

Redacção, A Administração e Officinas, Rua Rangel Pestana n°

GESTOS

Levando por escora unicamente suas proprias idéas, não é muito raro ver-se pessoas, até algum tanto entendidas, almeçando talvez o glorioso renome de reformadoras dos velhos costumes—avancarem na affirmativa de conveniente e mesmo inadmissível o uso dos gestos na arte oratoria, os quaes constituem uma das principaes partes da eloquencia.

Não commungamos com semelhante modo de pensar, julgamos erronea tal opinião, optamos pelo emprego que se faz da gesticulação, nos collocando sympathicamente ao lado dos que julgam necessario esse ornato da elocução. Já pelo seculo 17 escrevia assim um bom autor:

Loquere; hoc vitium commune, loquatur, et nemo, ac tamen declamitet omnia voce.
Tu loquere, at mos est hominum; loqui et loqui ille;
Ile ululat; rudis hic (sibi) si talia dignum est;
Non homine vox ulla sonat ratione loquentem.

É tão natural o uso da gesticulação, que não ha pessoa alguma que della não sirva-se quando tallo, o que tanto mais se verifica quando se trata dum assumpto com interesse, furor etc.

Certo é que uns fazem mais uso dos gestos que outros; assim nos Francezes e Italianos, es-as duas raças possuidoras de uma grande vivacidade de espirito, de um grito muito ardente, nesses dois povos—nota se mais geralmente esse costume de quasi sempre seguirem a sua conversação ou linguagem com gestos.

É quanto de naturalidade não deia de si transparecer em orações que, ao alto de uma tribuna perante um vasto auditório se apraesentam, e que as labias, a penas fazendo deslizar dos labios uma multidão de palavras descrevem; obtidas todas de menor expressão, vivacidade e calor—como si a elocução fosse aquella que um illustre orador de esta, decompunha uma vertiginosa, uma tempestade de palavras, um fluio de loca!

Por essa razão é que não é aconselhado ler os discursos, principalmente quando estes levam em conta a persua-

são; pois que indubitavelmente hão de ser destituídos de força—tornado-se frios.

É isto que não escapa a linguagem, e o prejuizo geralmente contido nesse uso e fundado na natureza. Creia que a quillo que se ganha dessa maneira em correção, não é compensado por aquillo que se perde de força e de persuasão.

Com effeito, diz outro rhetorico, toda a vez que se dirige a palavra aos outros, propõe-se a produzir sobre elles alguma impressão, de lhes committir as suas proprias pensamtoes e seus proprios sentimentos.

O tom da voz, os olhares, os gestos, não exprimem mais bem do que as palavras, as nossas idéas e nossos affectos? Muito mais, seus effectos são alguns tanto superiores.

Vemos muitas vezes que um só olhar expressivo, que um só grito apaixonado agitam muito mais fortemente, excitam muito melhor as paixões, o que não poderia produzir o mais eloquenti discursos.

A expressão dos nossos sentimentos pelos gestos e as inflexões da voz têm esta vantagem sobre as palavras articuladas, pois que ella é a verdadeira linguagem da natureza, que deu a todos os homens estes meios de exprimir os seus pensamentos, e em um torbado intelligivel por todos; pelo que as palavras não sejam sinão signaes convencionaes e arbitrarios de nossas idéas, devem por conseguinte, produzir um impressão bem fraca.

Queremos, admitimos como muito preciso, o uso da gesticulação; o que negamos como muitissimo prejudicial é o vicio da affectação dos gestos.

O melhor mestre, no caso, dizem os mais afamados rhetoricos, é a propria natureza, não querendo-se, porém, dizer, que o estudo não concorra em grande parte para a sua perfeição ou não seja um dos meios que muito favorecem o modo de usal-os.

Si não nos euganamos, pareço-nos, que já o nosso grande Padre Vieira, occupando-se desse assumpto, com sublimis palavras explicou como devia-se empregar os gestos; indicando até mesmo os movimentos da bocca, dos olhos etc.

Lemos tambem alguns que alguns novos oradores, chegaram a exercitar seus gestos na frente de um espelho—costume esse, que um rhetorico dizia ser máo, porque, não se podendo bem julgar a si, não se poderia capacitar-se a corrigir os seus defeitos.

Quintiliano, grande rhetorico latino, em suas Instituições recommenda muitas regras sobre a gesticulação oratoria, e outro rhetorico não menos nota vel nos da es seguintes conselhos a esse respeito:

A acção, na elocução oratoria, consiste quasi totalmente nos movimentos da mão.

Os antigos condemnavam os movimentos que não eram executados sinão pela mão esquerda; mas creio que elles têm alguma coisa de chocante, ainda que seja talvez mais natural servir-se da mão direita.

As emoções vivas devem ser expressas

por movimentos iguaes das duas mãos; mas para que se os agite com um no ou com as duas mãos, é preciso fazer de sorte que os movimentos sejam sempre livres e facis; porque serão tanto mais sem graça quanto mais molestos e mais concisos.

Es porque os gestos devem antes partir do hombro que do cotovello.

Os movimentos perpendiculares ou em linha direita de baixo para cima, ou vice versa, são taramente agradaveis; e isto que Shakespeare, em Hamlet, chama serrar o ar com a mão.

Os movimentos obliquos tem em geral mais graça; é preciso evitar de os executar bruscamente ou mesmo com demasiada rapidez, porque não é de tal modo que se exprime a sensibilidade ou o interesse.

Shakespeare nos offerece conselhos excellentes: "Diz sempre a doçura; diz elle, e que as paixões mesmo as mais tempestuosas, sejam expressas com uma sorte de moderação que tempere um pouco a violencia".

Corre por certo que, durante os primeiros passos da formação da linguagem, foram as interjeições e exclamações os primeiros elementos na construção da linguagem, e estas necessariamente foram sempre acompanhadas dos gestos, o que é natural, imaginando-se que naquelles tempos em que a linguagem, pobre como devia ser, reduzia a um pequeno numero de palavras, não poderia ser manciada com o auxilio da gesticulação.

E o que, como exemplo, pode-se observar nas crianças ou em uma pessoa que, ainda pouco familiarizada com um idioma, e quer fallar; recorre forçosamente aos gestos para exprimir-se de um modo mais conveniente e para poder explicar seus pensamentos.

E é assim, diz Quenot, que, le docteur Wallburton explique pourquoi les actions antre fois se méloient si souvent au discours; ainsi que nous le voyons dans les prophetes de l'Ancien Testament; lors, par exemple, que Jérémie, en présence du peuple, brise le vase du potier, jette un livre dans l'Euphrate; s'impose un jeug et des chaînes et emporte les meubles de sa maison.

Il est vrai que c'étaient autant de manières de s'exprimer familières a ces époques où les hommes étaient accoutumés a former leurs pensées par des gestes et des actions.

C'est ainsi que parmis les tribus du nord de l'Amerique, on a vu que des sauvages employaient certains mouvements et certains gestes pour exprimer leur intentions dans les circonstances les plus importantes ou ils se trouvaient; ils faisaient connaitre aussi clairement leurs volonies qu se donnaient ou en recevaient multikant de sentences et des courtois de wapung, qu'ils eussent pu le faire par leurs discours.

E aquella uso que então, mais por necessidade, se fazia dos gestos nos primeiros periodos da formação da linguagem—anda hoje se nota entre todos os povos, por mais rudes que sejam, e subsistiu até nossos dias, pas-

sando por atravez de muitos seculos, tornado-se no depois, um bello ornamento da elocução.

Contam-nos autores dignos de fé, que já os Romanos e os Gregos faziam grande uso da gesticulação, e em du vida foi por isto que um mestre fez notar as difficuldades que para muitos existem no estudo de alguns personagens dos autores classicos. Todos os criticos antigos, escreve H. B., têm considerado os gestos como o talento principal de quem falta em publico.

A gesticulação, continua o mesmo thetico, era de uma tão grande importancia no theatro dos antigos, de modo a crer-se que a linguagem e acção erlavam muitas vezes separadas uma da outra, o que, conforme as nossas idéas modernas, devia produzir um effecto muito estranho.

É bastante dizer se que, enquanto um actor recitava as palavras (candides o tom conveniente, o outro executava os movimentos e os gestos que correspondiam ao que dizia o primeiro.

Tanto é que Cicero teve uma contes tação com Roscius, por este querer saber si aquelle tinha o mesmo pensamento em um grande numero de phrases que Roscius não empregava gestos concisos.

Nos reinados da Augusto e Tiberio, prevalecia como divertimento—a pantomina, que consistia de representações mimicas; isto é, feitas com gestos. Ve-se, por tanto, pelas razões expostas, que o uso dos gestos teve sua origem na formação da linguagem dos primeiros povos, quasi perida da na noite dos tempos, tendo subsistido sem que o arado dos seculos o tivesse podido apagar.

Lagos 15—10—907

TIDICO

DESALENTO

Coração; porque foges da alegria,
Na algidez tumular do meu desgosto?
Resurge para a vida, que o sol posto
Ainda não findou todo o meu dia

Esperança, de uma vez, a viagem fin,
Que as azas te bafeja; avista! adora!
As estrelas d'um coo, a luz da Aurora;
Que despontam na minha fantasia.

Sonhemos, ó minha alma! de porre
E lucida exultez, de infinito agrado;
Que nunca se enfraqueça, nem se vença;

Uma hora, ao menos, veja-me eu cercado;
Mais vale uma hora só de gozo infrene;
Que viver, toda a vida amargurada.

Sanches de Frias

PENSAMENTO

Muito descansa o sentimento de um
quezoso, ouvindo males alheio, que
maior mal que tem a tristeza e, não
consentir companhia.

Rolrigues Lobô

TERMO DA VIDA HUMANA

Por mais perfeitos que sejam os nossos órgãos, a com a vida insensível de corpos heterogêneos, de continuo os encontramos, vem a desruir-se; e os próprios alimentos, destinados a prolongar a existência da machina humana, promovem sua dissolução. A natureza faz um termo á vida, e a philosophia serve de o não adiantar.

Contudo o homem, apesar de amos os flagellos do mal physico e do mal moral, não queria jamais deixar de existir; e por isso em todos os tempos tem sido lograda pelos charlatães, que lhe têm promettido a immortalidade.

Paracelsus, que dizia ter achado umlixir que fazia viver ao menos mil annos, morreu de quarenta e oito; e nem por isso se desenganou os pocsylos que tinham alchimia. Também uma jovem também uma heberagem em que havia feito dissolver cedro do Libano, pensando-se que, por terem os mãos piosos contemplado esta arvore como immortal, sendo tomada em alimen to podia procurar a immortalidade.

Outros muitos têm havido ainda nos mais tempos que têm acreditado as maravilhas alchímicas, pelas quaes o homem creduo se arrama, afim de nunca morrer. Convia pois que nos persuadissemos que não ha mais poder na medicina do que na alchimia para conseguir a immortalidade.

Em geral a duração total da vida mede-se pelo tempo da crecença. O homem que gasta vinte annos a crescer, deve passar cinco annos a viver e vinte cinco em morrer.

Um século é quasi medida da nossa carreira, quando nos não procuramos contrariar a natureza.

Tal e a medida da vida de quasi todos os philosophos praticos, que não herdão de seus pais um germen de degeneração. Solor, Thales e Pittaco, viverão cem annos cada um; Demócrito cento e quatro; Pontefelle foi nos últimos tempos um centenário celebre, assim como tinha sido Cornaro em Veneza. Este homem é um exemplo do poder da temperança para conservar a saude e a vida; tendo vivido até os quarenta annos no uso dos prazeres e das enfermidades que os excessos produzem, fez-se um philosopho pratico e chegando aos oitenta annos compoz um livro intitulado—Verdadeiro methodo de viver mais de cem annos com uma saude perfeita.—Depois de ter publicado quatro edições da sua obra morreu tranquillo, sem agonia e sendo aos cem annos da sua vida.

Entre os selvagens o numero dos centenários é mais consideravel. Geralmente os homens do campo, onde ha maior sobriedade e temperança entre do genero do que nas cidades, as vidas são mais prolongadas.

Muitos escriptores têm rejeitado extraordinarias prolongações da carreira da vida humana; mas heis relaes quasi sempre suspeitas, servem so de hongar a credulidade de homens que nunca desejarião morrer para nunca deixarem de ser huteis nem prejudicados a seus semelhantes. Porém atencionemos á sua insignificancia o homem fraco e aduador, que para viver precisa servir se do inserto da mentira. Ext.

PENSAMENTO

A esperança, quando fortalecida pelo lenitivo da fe, he poucas vezes se extingue aos primeiros embates do desengano.—Candido Uchôa.

O MEZ DO „O CLARIM“

O clarim vibra zarramente, Nas atalmedas do meu lutoão, Ha um mez que sãa distinctamente, Saltando notas á evoluçãõ, Trechos alegres, estylo ingente, Arrebatando meu coração!

Orgão da imprensa de nossa terra, Sãa um prog-anna philosophal, Toca avozalzes em nossa terra Num sopro tolo transcendental; Prosperid-ada toda sem guerra —Eis o seu filo primordial.

O clarim sãa no acampamento Um som fagueiro que me arrebatã: Pede o concurso do pensamento, Em alvas nobis como de prata; Invoca ao povo congraçamento Numã linguagem sãa democrata!

Echos altivos e de harmonia Sabem do tenda do „patriota“ Contra os abusos da tyrannia Estãa sempre vibrante nota!... Deus que illumine teu patã dia, Flôres e louros em tua rôta!..

Lages—14—Outubro—1907

MATHEUS JUNQUEIRO

JURISPRUDENCIA

O recurso extraordinario só pode ser interposto da sentença proferida em ultima instancia, isto e, da decisão final.

Assim e incumbido de sentenças proferidas pelos tribunales dos Estados em ultima instancia, mas embargaveis.

Acc. do Sup. Trib. Federal, de 24 de maio de 1907.

Quando a Constituição Federal facultar a interposição do recurso extraordinario, nos dois casos que enumera no art. 59 § 1º; declara—que elle ca de das sentenças das justicas dos Estados em ultima instancia. E mister, pois, que haja, não uma sentença, mas a sentença do Tribunal do Estado, julgando a questão controvertida. Esta sentença só pode ser a decisão final, a ultima palavra das justicas locais a respeito da questão. Assim se deve entender á vista do fim do recurso, remedio extraordinario como bem o denominou o legislador.

Não estando esgotada a jurisdicção do Tribunal local, nem se pode dizer que tenha sido por elle consumada a violação do direçõ federal, quando resava ainda uma occasião de examinar o assumpto, nem que se legitima a intervenção do judiciario federal, cuja jurisdicção se creou e apenas pôde ser provocada justamente para os casos e pela razão de não haver mais recurso ordinario perante a justiça local.

Oppor a estas razões o argumento de que, podendo renunciar o recurso de embargo, está nas mãos da parte recorrer final o primeiro julgamento, im porta resolver a questão pela propria questão, que é esta: no pensamento da Constituição ha uma competência da justiça local sobre as questões Federaes, que se entende até o ultimo recurso permittido pela lei estadual do processo, competência que e exclusiva e uma competência federal, extraordinaria, que surge e se manifesta quando não ha mais recurso algum perante a justiça local; si a parte pudesse,

com a renuncia dos embargos, precipitar a instancia federal, eia arria o arbitrio da extensõ da competência e do inicio de federal

A renuncia dos embargos, que tem por effeito, perante a lei local, deixar passar a sentença em julgado, não pode ter outro perante a lei federal, de outra forma, dependencia de um acto individual, voluntario, exercer ou instaurar jurisdicções.

A segunda instancia e que profere a sentença final; e esta e a razão porque se exige o requisito da sentença da ultima instancia, e a mesma razão impõe também que o julgamento desta seja o ultimo que lhe compete proferir.

Os interdictos possessorios apenas protegem a posse das cousas moveis ou immoveis e a quasi posse dos direitos reaes e não podem gafrar direitos possessores.

O Supremo Tribunal Federal, por Acc. Flôres n. 204 de 7 de Agosto e 286 de 5 de Setembro de 1907 e ultimamente pelo Accordão de 6 de Abril de 1907, declinã—que os interdictos possessorios são applicados unicamente ante em protecção da posse de cousas moveis ou immoveis ou da quasi posse de direitos reaes; e hees applicados figuradã e a protecção do manutido de manuticção com o fim de gafrar o exercicio de um direito pessoal.

ALIBÊ

Tu és, Alibê brônco, A branca rosa em flor? Tu és o sorriso d'aurora, Luz seu primeiro clarão?

Tens a voz pura, suave, Anus mais que o rouxinol Que canta por entre as matas; Sautando o fulgor do sol.

Tens os cabellos castanhos De vinhos da mesma cor,

Es emfim, J. Pinho Aze, Da natureza o primor.

Por isto eu te amo querida, Como o ouvido ama a flor... Branca acia a innocencia, Filha do exercicio pudor.

A. RAMALHO

REFORMA ORTOGRAFICA

(Texto definitivo da reforma votada pela Academia Brasileira de Letras).

A Academia Brasileira, sentindo a necessidade de mudar a orthographia para as suas publicações officias, resolveu organizar para esse fim um vocabulario orthografico. Para isso determinou que na sua elaboração se adotassem as seguintes regras.

REGRAS PRIMEIRAS—Sempre que se encontrem diversas grafias autorizadas da mesma palavra, escolher-se-á a que melhor se aproxime da boa pronuncia reservando-se a academia o direito de fixar qual a pronuncia que lhe parece boa. Desde logo, porém, d'ahi decorrem os seguintes corollarios.

PRIMEIRO COROLLARIO—Os ditongos au, eu e iu, que também se escrevem ao eo iu, devem sempre escrever-se com u. Assim: mau, pau, chupão, eoz partiu, etc. Nenhuma excepção se fará nas palavras em que o digramma io não constitue ditongo, fio, frio, rio, tio vazio etc.

SEGUNDO COROLLARIO—O ditongo ai, que também se escreve ae, deve sempre escrever-se com i. Assim: pai, mãe, edi, aci, etc.

TERCEIRO COROLLARIO—As palavras que alguns autores escrevem com e e outros com i: inicial, como idade, igreja, igual, etc., devem sempre escrever-se com i.

REGRAS SEGUNDA—Eliminar-se-á, por completo, o uso das letras j, y e z, em todas as palavras portuguezas.

Assim, as que eram escritas com j, serão escritas, ou com c, antes de o, e u ou com qu, antes de e e i. As que eram escritas com z, serão escritas com v, ou com u, conforme o som que tiverem.

Exemplos: kaleidoscopio, Kébi: Kilo/Kola e Kuso, escrever kaleidoscopio, que pi, quil, cola e cuso; em vez de «worms» e wigas indias; escrever «martyrio» e «martyrio», em vez de «martyrio» e «mysterio», etc. «martyrio» e «mysterio».

REGRAS TERCEIRA—Eliminar-se-á o uso do h no meio das palavras, salvo nos seguintes casos: 1º quando se tratar dos grupos ch, lh e nh; somando como consoantes palataes: chamar, achar, nuher, brulho, lenha; banho, etc.; 2º, quando se tratar de palavra que seja composta de duas ou mais h's iniciais.

Assim, pois, que se escreva «honra», haver, hefdar, escreve-se á dehonra, rehavet, dezehnar, etc. Em todos os outros casos eliminar-se-á o h; melior: supprender, agrecender, embarrar, lezou fó etc.

NOTA—A conservação do h inicial não obedece na elaboração da Academia a nenhum principio especial. Elle reconhece que essa letra devia decair, e tractar também d'ainno das palatinas.

Parece-lhe, porém, útil pela frequencia e até pela naturalza das palavras em que e usada; tranziçõ com a sua conservação.

PRIMEIRO COROLLARIO—Nunca se escreverá ch com o som duro [ç]. No caso em que tal som era admissivel a esse digramma, sera elle substituído

do ou por e, antes de p, n, r, u, e to- das as consoantes, ou por qu, a, lesde e e i, Assim em vez de chaldeu, che- lonios, eliaica, chorographia, chromo- technia, etc. escrever caldeu, quelo- nios, quimica, chromographia, chromo- technico, etc.

SEGUNDO COROLARIO—Nunca se es- creverá ph com som de f. Nas es ca- sas, substituir-se-á esse digamma por f. Assim em vez de orthographia, philo- sophia, etc. escrever orthografia, filosofia etc.

REGRA QUARTA—Eliminar-se á o uso do g com o som de j, no meio das palavras: Assim em vez de agir, legislativo, etc., escrever ajir, legisla- tivo, etc.

NOTA—A conservação do g inicial com o som de j e tambem uma medi- da de transição, para não alterar muito o aspecto da escrita. Como porém, o j e o z brando são letras que se per- duntam frequentemente (ajo, angelico, grão, regalar, etc.), não ha motivo para repetir o g inicial nas palavras seguintes.

REGRA QUINTA—Eliminar-se-á sem- pre o uzo do z com o som de z, co- mo acontece entre vogaes e em alguns outros casos. Assim, em vez de: zosa, casa, transigir, dshoura, etc., escre- ver: zoza, casa, tranzigir, dzshoura, etc.

REGRA SEXTA—Salvos os casos em que se empregam os ss e os rr dobra- dos, os pronomes pessoas elle ella, e seus derivados aquelle, aquella, aquillo, supprimit-se-ão todas as consoantes ge- minadas.

Em nenhuma palavra, portanto, serão b, d, f, m, n, p, ou l, duplicados. Os ce- zos apparecerão duplicados, quando o primeiro tiver o som forte e o segun- do brando como em: sução que se lê: suçção. Mas, quando ambos soarem do mesmo modo, como em: distincção, ex- lineção, etc., es:rever-se-á distincção, ex- lineção, etc. Só haverá H geminados nas palavras acima mencionadas. Assim, em vez de: sabbado, prefeção, addu- zir affeçoar, aggregar, alludir, imme- diato, innocente, applaudir, attenção, etc., escrever: sabbado, prefeção, adu- zir, aggregar, aludir, immediato, ino- cente, applaudir, atnção, etc.

NOTA—A academia reconhece que ti- rando ao s o som de z era possível ao mesmo tempo supprimit os ss dobra- dos. Mas as duas modificações feitas ao mesmo tempo interessariam um tão grande numero de palavras, que he pareceu melhor nada alterar no uzo do s dobrado. E' assim uma simplifica- ção que se prepara para o futuro. Por outro lado, respeitando a grafia dos nomes proprios, de que propositalmen- te não tratou, respeitou tambem a dos pronomes pessoas e seus derivados, que sendo palavras de uzo muito fre- quente, são daquellas cujas modifica- ções mais avultam no aspecto de qual- quer texto escripto.

REGRA SETIMA—Nenhuma palavra se escreverá empregando consoantes que não tenham nella valor. Do grupo se supprimit-se-á a lett r. As im ne- nhuma alteração se terá a fazer na gra- fia das palavras abdicar, intellectual, ac- ne, fleugma, gacmo, recepção, bacte- ria, optar e outras, em que as letras l, d, c, gn, pt, jg, ph, e ct se am se parada e distinctamente: mas, em vez de: arctivo, anecdot, augmentar, alim- no, gymnasio, optimo, theze, sciencia, etc., escrever arctivo, anecdota, augmen- tar, alimno, gymasio, otimo, crecer, ci- encia, teze, etc.

REGRA OITAVA—Nunca se escreve-

rá palavra alguma com c. Assim, em vez de: capado, como querem alguns le- xicographos, de gabi, gamarra, gamou- go, garigueta, goga, guacuma, etc., escrever sapado, gadi, gamarra, gamou- go, garigueta, goga, guacuma, etc.

REGRA NONA—Nos casos em que o- dicionarios admitem a mesma palavra ora com s, ora com c, a grafia com s deve ser preferida. Assim, escrever d'ansa, d'ansa, cansar, laido etc.

REGRA DECIMA—Os substantivos e adjetivos, cuja terminação tónica se ja no singular az, ez, oz, e uz, devem es- crever-se com z final. O som forte, dz, dz, sz, os e us, de substantivos e ad- jectivos, só se escreve com s, quando a palavra está no plural.

Nestes termos, nenhuma alteração é feita na grafia uzual dos pronomes nós e vós, de todos os verbos que nas se- gundas pessoas se escrevem com s e nas terceiras com z (amarás, lêz, sch- eis, e praz, fez, diz). A regra só se intende com substantivos e adjetivos. Deade que estes terminem no singular em sílaba forte em az, ez, oz, oz ou uz, escreverem-se com z. O s fica ape- nas nessas partes da oração para indi- car plurales. Assim, em vez de portu- guês, francês, côs, etc., escrever por- tuguêz, francez, pêz, côz, etc. Rezer- var o s final para as sílabas longas nos plurales. Assim escrever pás, pés, ardiz, etc.

REGRA UNDECIMA—As palavras ter- minadas no som ão ou ã longo, empre- gam a vogal a com o til, as termina- das nos mesmos sons com a pronun- cia breve terão a vogal a seguida de m ou n. Assim, em vez de: manhão, pigão, orfão, amão, etc., escrever: manhão, pagã, orfã, amã, etc.

REGRA DUODECIMA—Não se emp- gara o sinal de quafite nas contrações deste, desta, disto, neste, nesta, nisto, daquelle, nelle, nella, daquella, daquillo, de dentro, aquelle outro.

Sala das sessões da Academia Bra- zileira, em 17 de agosto de 1907.

Machado de Assis, presidente.

No numero seguinte desta folha fa- remos algumas observações sobre esta- regras.

IMPOSTOS PROTESTO

Consta nos que muitissimos cidadãos de diferentes classes sociais deste mu- nicípio, que sentem-se offendidos pelo peso acabratador de impostos vexa- torios, que obedecem ao lançamento secreto ultimamente feito, o que só agora é conhecido, tendo apenas por- turaça a arbitrariedade intoteravel, que uma vez para sempre deve cessar, e bem dos brios de um povo, que não leve tornar se victima passiva da ganan- cia de quem congastrante escancarada e aggrite nunca satisfeito—mira esfa- tuado para a fortuna alheia, extor- quindo, com abuso da autoridade que lhe é confada pelo proprio povo, os recursos que muitos, a custa do pro- prio suor, conseguim para sua manut- tenção,—preparam se para unidos, fir- me e energicamente protestar contra essa violação, prometendo fazer valer os seus sagrados direitos.

Será um procedimento justo, porque é ja demonstrar que o povo começa a reconhecer o direito que tem e exer- cital o correspondente energia, fazendo re- tecer o imperio do despotismo e oppo-

do uma barreira a tantos escandalos. Ao povo cabe impôr o respeito e sagrado dos seus direitos, não capto- lino, por dignidade nacional, a men- violação d'elles, e nem deixando se en- tur, por falsas e phantasticas ideas. Por falta de espaço deixamos de pu- blicar mais este sentido, porém, na proximo numero, analysaremos e trata- remos da questão, sempre ao lado do povo, em defesa franca e leal ás suas garantias constitucionaes, não trahindo- entrar as maiores difficuldades de qualq- uer natureza que assomem os ho- rizontes da nossa terra.

▶ ◀

CEL. RENAUX
ESTRADA DE FERRO ITAJAHY,
BRUSQUE
LAGES E VACCARIA

Tivemos a grata noticia que o sr. Cel. Renaux conseguiu no Rio de Ja- neira, de fazer parte do plano geral de Viagem o seu projecto de estrada de ferro de Itajahy, passando por Brus- que, Lages e Vaccaria, o que se rea- lizará dentro do prazo de quatro an- nos.

Mais orientados ficamos e acredita- mos per essa nova realidade pelo telegramma puzado pelo sr. Cel. Re- naux ao sr. Coronel Richard Gover- nador deste estado; e do theor se- guinte: o referido telegramma que está publicado no «O Dia».

De sr. coronel Renaux recebeu honrem e como sr. Governador do Estado o se- guinte telegramma:

«Rio 5—Men projecto estrada Itajahy Brusque, Lages, Vaccaria, encontrando Passo Fundo, não S Paulo Rio Grande foi englobado no plano geral de Viagem. Sei o commissario contractante. E- licito v. era. e Estado por esta fausto sa nova. Cordiaes cumprimentos—Re- naux»

Fazemos votos que as nobres inten- ções do sr. Renaux tornem-se uma realidade e que o recão de difficulda- des não lhe assalte o seu espirito de comprehender e progressista.

Reconhecida como é a forga de vol- untade e energia do sr. Cel. Renaux, fic- mos ansiosos de vermos esse almejado melhoramento, confiantes nos seus es- forços, e esperando-os para no momento em que vermos coroado de bom exito esse desideratum prestar ao sr. Cel. Renaux as justas homenagens a que litter direito, a que um povo reconhe- cido não poderá furtar-se.

De de ja felicitamos effusivamente o sr. Cel. Renaux e o Estado de S. Catha- rina

REFORMA DOS CORREIOS

O projecto de reforma dos Correios não sera apresentado na Camara, o que não quer dizer, e d'uma, que ella não se faça ainda este anno.

Como vai fallando o tempo para os trabalhos legislativos, e Min- istro da Industria pensa em pedir no- o augmento do seu ministerio occidit- necessario, cremos que a Cam. de Og. e fazer, assim, a chamada reforma; e a que importante organ da imprensa fl- minense diz,

FONTES PUBLICAS

Haem muitas a attenção da quem compe- titiva para o esculpto que se da nas pro- ximidades da fonte publica, sobre as calçadas do Tanque Velho, fonte essa que alistera grande parte da população d'esta cidade.

O facto que ha pouco dias presen- tacion se naquello lugar publico, é tão revoltante que merece a mais e mais rigorosa fiscalisação por parte dos au- toridades publicas, para não esgar uma parte do povo sobra ás immundices que pessoas nocivas, sem educação e sem es- tnpulos osam deixar n'um lugar onde de deve existir todo o asseio.

A pessoa que escreve estas linhas foi testemunha central de miséria que se acha depositada a roda d'aquelle reservatorio.

Lembramos tambem o concerto da que está necessitando a cachimbo da Santa Cruz.

CONDEMNACÃO

Foi condemnado pelo Supremo Tri- bunal Federal, no grão medio do ar- tigo 211 do Código Penal, o dr. Alcides de Aguiar Braga, juiz substituto fede- ral na secção de Mato Grosso, que a- bandonara o seu cargo por occasião dos ultimos successos politicos naque- lle Estado, allegando estar em via- gem.

CONVITE

A Commissão Central, abaixo firma- da, encarregada da construcção da Igre- ja Matriz desta cidade, convida a todos os membros das comissões districtaes a remetterem o mais depressa que puderem o producto das listas de agenciamento que tiveram o carã- therio de aceitar. Isto faz por ter em vista dar começo aos trabalhos da construcção em o mais curto prazo possível.

Antecipa lamente a commissão con- fessa se agrada a todos.

- Lages 1° de Outubro de 1907
- Frei André Noirlan, e Presidente
 - Victor Alves Lino 2° Secretario
 - Vidal Ramos Netto 4°
 - Carlos Schmidt Junior Thesoureiro
 - Belisario Oliveira Ramos
 - Jose Maria D. Arruda
 - Henrique Oliveira Ramos
 - Vicente Gumborgi
 - Antonio Ribeiro dos Santos

VIUVAS DOS VOLUNTA- RIOS DA PATRIA

Consta-nos que no Rio ainda neste fim da legislatura sera resovido o ca- so da inclusão das viuvas dos volun- tarios da Patria nas vantagens alca- çadas pelos militares dessa categoria, ainda vivos o que sera um acto de justiça.

PONTE TEMPORAL

O «The Monitor» de S. Francisco, Estados Unidos, noticia que um gru- po de catholicos norte-americanos, in- clo a frente os millionarios Ricardo Le- veas e Martins Maloney, pretendem con- struir uma estrada de ferro de terra que se estende do Vaticano até a ca- lta, fim de dar ao Papa uma quinta- na littoral maritimo.

Nesse territorio o Papa exerceria direitos soberanos.

NOTICIARIO

BOENES: Tem estado gravemente en...

VIAJANTES: De viagem que fez e...

De Paraná regressou o sr. Capta...

Consta-nos que passou a ser prop...

Para a casa enfrente ao Theatro n...

VISITAS: Deram-nos a honra de...

CONHECIMENTOS ÚTEIS

OVOS FRESCOS: Para conhecer-se...

O MUNDO É ASSIM: Os homens vir...

ANEDOTAS

Entrou uma vez um caipira em uma...

Qual é a letra de sua gra...

Um juiz de paz da roça, apprehen...

Um par de botina para sra. de cano...

Dois mesas de comer velhas sem p...

Um sujeito vai baptisar um menino...

Uma senhora fazendo uma proleção...

Parou, como que esperando uma res...

O fidejo hespanhol dava conselhos...

Batem á porta de repente; e vira-se...

GRACEJANDO

Ora psta é que é boa!

U correspondente do "Novidades"...

Ninguém pôde descobrir quem é o...

Diz elle tambem que "O Clarim" ba...

Deixe-se de bobagens, seu correspon...

Il... O povo é que anda fumando...

O Clarim aceita todos...

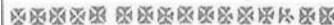
RELOGIO MALHUTZANG

Pa Malhuta fabricou-se um relógio...

Consta-nos que não muito distan...

PREÇOS DO MERCADO

Table with 2 columns: Item name and Price. Includes items like Açúcar, Arroz, Farinha, Café, etc.



CASA MILASCH

Grande sortimento de objectos de

Livraria: livros commerciaes, utensí...

Bohito sortimento de joias, brin...

Barometros, Thermometros, bi...

Vestidos para Sras., roupa bronca

Botas de casemira, suspensorios, ca...

de seda, de todas as cores, lenço...

Encartega-se de qualquer encomen...

CHEGOU! CHEGOU!

PARA A CASA

ECONOMIA DO POVO:

Secos e molhados, ferragens, louças...

BEBIDAS: Vinhos do Porto Adriano...

DOCES: Gómbas: caseiro, oval, com...

ESPECIALIDADES: em confeitaria...

LOUÇAS E FERRAGENS: Sortimento...

SOPRESAS DO ESTOMAGO

TOMAI O VINHO DE PURA UVA, FA...

BRICADO NA CHACARA MORITZ

Dirijam-se á ECONOMIA DO

POVO de Pedro Moritz de Carvalho.

RUA RANGEL PESTANA—LAGES.

ALFREDO CEZAR

ACHA-SE COM SUA OFFICINA

A RUA MARCHEAL DEODORO

ONDE PREPARA TRABA-

LHOS CONCERNENTES

A SEU OFFICIO

PAR P... MODICOS